

LES237 – ESALQ/USP

T2 – Estudo de trechos sobre o positivismo do livro *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*, de Michael Löwy (1994)

Michael Löwy é um pensador marxista brasileiro radicado na França, conhecido por sua importante reflexão libertária. Seus livros e ensaios se inscrevem principalmente na sociologia do conhecimento, com ênfase nos estudos sobre o socialismo e as ideias radicais. Também compõem seu campo de reflexão, o estudo das artes e da literatura.

Em seu texto, Löwy apresenta o “ideal-típico” positivista com as seguintes premissas:

1. A sociedade é regida por leis naturais, invariáveis, independente das vontades ou ação humana. Na vida social reina uma harmonia natural.
2. A sociedade tem um “naturalismo positivista”, pode ser estudada pelo mesmos métodos e processos inerentes às ciências naturais.
3. As ciências sociais devem limitar-se à observação e explicação dos fenômenos, com objetividade, neutralidade e sem juízos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as pré-noções e preconceitos.

Essas ideias – principalmente de uma ciência axiologicamente neutra – manifestam-se não somente nos positivistas, mas também em outros pensadores: mesmo entre marxistas há uma corrente positivista. Se uma das três premissas acima está integrada em uma investigação com pretensão científica, é possível pensar numa “dimensão positivista”.

O positivismo surge no século XVIII como uma utopia crítica e revolucionária da burguesia anti-absolutista e, mais tarde, torna-se uma ideologia conservadora identificada com a ordem estabelecida. Essa mudança no positivismo foi também assinalada nos estudos de Marx sobre economia política, em contexto de ascensão da burguesia na Europa.

O positivismo postula o axioma da neutralidade valorativa das ciências sociais, o que torna útil apresentar o significado de axioma. Em outras elaborações no âmbito dessa disciplina, destacou-se que, “do ponto de vista etimológico, tal palavra deriva de “ἀξιωμα” (em grego), cujo significado é “considerar válido”, ou também “requerer” que, por sua vez, deriva de “axios”. Para os pensadores da Grécia antiga, axioma era uma afirmação que poderia ser considerada verdadeira sem a necessidade de provas. Trata-se de um pressuposto imediatamente evidente, admitido como verdade universal sem a necessidade de demonstração”. O axioma da neutralidade valorativa leva o positivismo a ignorar o condicionamento histórico-social do conhecimento. Assim, as relações entre a produção do conhecimento e as classes sociais são deixadas de lado no campo conceitual do positivismo. Para compreender estas contradições, é pertinente examinar sua gênese histórica e seu desenvolvimento.

A utopia positivista: Condorcet e Saint-Simon

O positivismo moderno nasceu como um legítimo descendente da filosofia do iluminismo. Condorcet desempenhou papel destacado para a gênese dessa nova corrente. Concordando com fisiocratas ingleses, Condorcet pensa que a Economia Política pode estar

submetida à “precisão do cálculo” e ao método das ciências da natureza. Daí a ideia de uma matemática social baseada no cálculo das probabilidades.

De fato, a interpretação da sociedade foi, por muito tempo, subordinada aos interesses dos poderosos de então. Em Condorcet, o positivismo apresenta um significado utópico crítico, com o objetivo de emancipar o conhecimento social das classes dominantes, tornando-se um instrumento de luta contra o obscurantismo da religião e seus dogmas, associando-se à luta revolucionária dos Enciclopedistas e da própria filosofia do iluminismo contra a ideologia tradicionalista. Condorcet julgava que quanto mais os objetos submetidos à razão fossem influenciados pelos interesses religiosos e políticos, mais lento seria o progresso do espírito humano. Com esse novo método fundado no ideal de uma ciência neutra, as ciências sociais poderiam seguir um caminho quase tão seguro quanto aquele das ciências naturais.

Discípulo de Condorcet, Saint Simon foi o primeiro a evocar o termo “positivismo”, concebendo que a ciência do homem deveria se tornar “positiva”, ou seja, utilizar os métodos das ciências naturais, como uma fisiologia social. Seu pensamento considera que a ciência política positiva pode ser neutra e objetiva. Somente dessa forma, as questões políticas poderiam apresentar resultados satisfatórios, acabando com a “infância da ciência”.

S. Simon garantia que seus escritos tinham intenção organizadora e não revolucionária. Mas, em nome das leis fisiológicas e sua “higiene” social, apela abertamente pelo fim do absolutismo e por uma mudança de regime na França – revelando um significado crítico e contestador.

A ideologia positivista: Comte

Augusto Comte é considerado o fundador do positivismo na medida em que inaugura a transmutação da visão de mundo positivista em ideologia, quer dizer, em sistema conceitual e axiológico que tende à defesa da ordem estabelecida. Discípulo de Condorcet e S. Simon, Comte considera que seus predecessores apresentavam uma postura “negativa”, ultrapassada e perigosa. O positivismo Comtiano representa precisamente o ponto de vista reconhecido da escola positivista moderna nas ciências sociais.

Comte estima que a descoberta das leis sociológicas era interdita a seu precursor (Condorcet) pelos seus preconceitos revolucionários. Desta forma, muda o próprio sentido da palavra “preconceito” que passa a designar o pensamento utópico crítico do iluminismo. A ruptura ideológica com Condorcet e S. Simon ocorre em razão de Comte procurar afastar a ameaça que representam as ideias negativas, críticas, subversivas da filosofia do Iluminismo.

No entanto, Comte utiliza o mesmo sistema intelectual que servira a Condorcet e a S. Simon para combater as ideologias tradicionalistas: o princípio metodológico de uma ciência natural da sociedade. Este pensador propõe o termo “física social” para o estudo dos fenômenos sociais.

A nova ordem industrial tornou-se a referência para as “leis naturais invariáveis” (a partir de uma visão segundo a qual há identidade entre sociedade e natureza). Assim, é interessante destacar que Comte naturaliza o fenômeno econômico da concentração do capital na mão de poucos, julgando que os proletariados deveriam se conformar a tal “lei

econômica natural”. Convém ressaltar que tal ideia foi ridicularizada por Karl Marx, cujas ideias são fundamentalmente contrárias àquelas de Auguste Comte. Marx cita Comte ironicamente em uma passagem do *Capital*, principal obra do autor: “(...) Auguste Comte e sua escola procuraram demonstrar a eterna necessidade dos senhores do capital; eles teriam, tão bem quanto e com as mesmas razões, podido demonstrar a eterna necessidade dos senhores feudais”.

A apologia ideológica da ordem estabelecida (industrial/burguesa) aparece, portanto, no discurso positivista como seu revestimento. Nesta ótica positivista, o axioma de uma ciência natural, neutra e rigorosamente objetiva, dos fatos sociais constitui a base para os estudos sociais. As evidentes contradições do pensamento positivista permitem constatar que o total distanciamento do cientista social em relação ao seu objeto de estudo (como meio de obter objetividade) constitui um ideal, em prática, inatingível. De toda forma, o positivismo comtiano possui importante influência na ciência universitária moderna.

Por outro lado, mesmo que o termo sociologia tenha sido inventado por Comte, Durkheim é quem deve ser considerado o pai da sociologia positivista, enquanto disciplina científica, pois sua obra possui estudos sociais concretos. Nas obras de Comte, tal pesquisa empírica não ocorre. Mas Durkheim reconhece que seus escritos derivam diretamente de Comte: “são momentos diferentes de uma mesma evolução”.

LÖWY, Michael (1994), *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, São Paulo: Cortez Editora.

Grupo 2

RANULFO FELIX JUNIOR

JHONY GUERRA